

INTRODUÇÃO

O sofrimento é algo inerente ao Homem desde o momento do nascimento ao momento da morte. Como defende Gameiro (1999:35) “o sofrimento é uma característica ontológica do ser humano enquanto «consciente de si» e confrontado com a sua vulnerabilidade e finitude”. Desde que o Homem existe, sempre houve doentes mentais os quais, como os restantes doentes, necessitaram de alguém que tentasse curar a sua doença ou melhorar a sua saúde e de quem lhes dispensasse os cuidados necessários ao alívio da sua dor e sofrimento e à manutenção do seu prazer pela vida (Donahue, 1985, cit. por Santos, 2002: 30). Se imaginarmos que uma das grandes necessidades do ser humano, como ser gregário, por natureza é a necessidade de se encontrar junto dos outros, isto é, viver em sociedade, vislumbra-se a Família: a primeira sociedade em que vive o Homem, as primeiras experiências e formas de confronto com a humanidade, pois é sabido que quer no campo ou na cidade, a Família ocupa para o indivíduo um influente elo com a sociedade. É sabido ainda que trabalhar com famílias é complexo, pois significa invadir a dinâmica desta, mas interessa para este estudo perceber como vive a família que lida com elementos portadores de doença mental. A história da doença mental tem sido marcada pela exclusão social e isso tem trazido dificuldades para o familiar lidar com o doente mental. Deste processo de exclusão colectiva fazem parte as imagens, as atitudes, as crenças, os sentimentos, os preconceitos, o estigma e paradoxos, erigidas pelo imaginário do familiar que cuida do doente mental. Daí ter surgido a necessidade de questionar a família sobre a interacção com o seu familiar doente mental, com o objectivo de tentar perceber a dinâmica para posteriormente ser possível ajudar a melhorar a sua qualidade de vida bem como de todo o seu agregado familiar.